

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

JÚLIA MORAES ALVES

**LEITORES EM FORMAÇÃO E BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO
MEDIADORAS DE LEITURA**

Porto Alegre

2022

JÚLIA MORAES ALVES

**LEITORES EM FORMAÇÃO E BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO
MEDIADORAS DE LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Tradutor Português e Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Alves, Júlia Moraes
LEITORES EM FORMAÇÃO E BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
COMO MEDIADORAS DE LEITURA / Júlia Moraes Alves. --
2022.
47 f.
Orientador: Ian Alexander.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Formação de leitores. 2. Mediador de leitura. 3.
Biblioteca comunitária. I. Alexander, Ian, orient.
II. Título.

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar a importância da leitura, do livro e da literatura nas vidas de cada indivíduo. A partir do artigo “O Direito à Literatura” de Antonio Candido busca pensar a literatura como direito humano, além de apresentar os processos envolvidos no ato de se tornar leitor e em como a literatura pode ajudar a desenvolver e dar ferramentas de o leitor chegar a inúmeras reflexões sobre si mesmo e sobre o meio social do que está inserido, tendo em vista o texto “A Literatura Salva?” do autor Jeferson Tenório. Também aborda o perfil de leitores e não leitores no Brasil, apresentando o papel essencial que os mediadores têm no processo de mudar um cenário em que pouco se lê no país. Apresenta o conceito de bibliotecas comunitárias proposto por Machado (2008) e destaca também a dissertação de Toigo (2019) acerca da importância das bibliotecas comunitárias e de seus mediadores. O mediador de leitura atua como a ponte entre livro e leitor nesta jornada tão subjetiva que é aprender a gostar de ler. Assim, a autora reflete também a partir do seu próprio processo de formação como leitora, pensando em todas as diferentes influências e estímulos que a acompanharam nessa jornada ao mesmo tempo que destaca a importância de ambientes como as bibliotecas comunitárias. Aborda em especial três das bibliotecas comunitárias localizadas em Porto Alegre/RS, são elas: a Biblioteca Comunitária Choclatão, a Biblioteca Comunitária do Arquipélago e a Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.

Palavras-Chave: Formação de leitores; Mediador de leitura; Biblioteca comunitária

ABSTRACT

This study deals with the importance of reading, books and literature in the life of every person. Based on the Article “O Direito da Literatura”, by Antonio Candido, it treats literature as a human right, and examines the factors involved in the process of becoming a reader and how literature can help the individual to develop the capacity to reflect about themselves and their social context, according to the text “A Literatura Salva?”, written by the author Jeferson Tenório. The study also deals with the profile of readers and non-readers in Brazil, highlighting the essential role of mediators in the process of reversing the low rate of reading in the country. The study works with the concept of community library proposed by Machado (2008) and also highlights Toigo’s (2019) dissertation where the author brings up the importance of community libraries and its reading mediators. The reading mediator acts as a bridge between the book and the reader in this subjective journey of learning to read for pleasure. The author also reflects on her own process of formation as a reader, thinking about the different influences and stimuli that participated in this journey with her. In addition, she highlights the importance of environments such as community libraries, focusing on three of them located in the Brazilian city of Porto Alegre: *Biblioteca Comunitária Chocolate*, *Biblioteca Comunitária do Arquipélago* and *Biblioteca Comunitária Ágatha Félix*.

Keywords: Reader formation; Reading mediator; Community library

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Perfil do leitor em Porto Alegre/RS.....	19
Imagem 2 - Por quais motivos não ler.....	20
Imagem 3 - Frequência em bibliotecas.....	21
Imagem 4 - Sabe de alguma biblioteca.....	22
Imagem 5 - Motivos para não ir à bibliotecas.....	23
Imagem 6 - Quadro comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias.....	34
Imagem 7 - Biblioteca Comunitária Chocolatão.....	39
Imagem 8 - Biblioteca Comunitária Chocolatão.....	40
Imagem 9 - Biblioteca Comunitária do Arquipélago.....	41
Imagem 10 - Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.....	43
Imagem 11 - Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A LEITURA, O LIVRO, A LITERATURA.....	10
2. 1. É LENDO QUE SE APRENDE.....	11
2. 2. O DIREITO À LITERATURA.....	15
2. 3. SOBRE A LEITURA.....	16
3. LEITORES EM FORMAÇÃO.....	18
3. 1. BRASILEIRO E A LEITURA.....	18
3. 2 LEITORES E A MEDIAÇÃO.....	25
4. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS.....	29
4. 1. O TERMO BIBLIOTECA COMUNITÁRIA.....	30
4. 1. 1. Em outros lugares.....	31
4. 1. 2. Voltando para o Brasil.....	31
4. 1. 3. Bibliotecas públicas e Bibliotecas comunitárias.....	33
4. 2. PRÁTICAS DE LEITURA E MEDIAÇÃO NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS.....	35
4. 2. 1. Biblioteca Comunitária Chocolatão.....	38
4. 2. 2. Biblioteca Comunitária do Arquipélago.....	40
4. 2. 3. Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo abordar a importância da leitura, do livro e da literatura nas vidas de cada indivíduo e de que forma o processo de gostar de ler e se descobrir leitor é também permeado pelas influências e exemplos de familiares, da escola e de outras formas de mediação de leitura.

A literatura é uma ferramenta poderosa que instrui e educa, através dela há “a possibilidade de viver os problemas dialeticamente” (CANDIDO, 2004, p. 17). Portanto, a literatura nos deixa mais compreensivos e abertos à natureza e à sociedade e daí vem também a importância de bibliotecas comunitárias que desenvolvem projetos e atividades de leitura em um ambiente não formal.

No presente trabalho, apresento alguns dos processos envolvidos em uma biblioteca comunitária tendo em vista a formação de leitores mas também a ideia de emancipação social das comunidades onde se encontram. Para isso, foco em três das bibliotecas comunitárias localizadas em Porto Alegre/RS: a Biblioteca Comunitária Chocolateiro, a Biblioteca Comunitária do Arquipélago e a Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.

Em geral, entende-se que bibliotecas comunitárias são um projeto social que para acontecer depende da iniciativa da comunidade em que se encontra, sendo gerida pelas pessoas que compõem este grupo. Assim, são espaços que tem como objetivo ser independentes e que tem autonomia, apesar de poderem receber apoio de recursos Municipais, Estaduais, Federais, da iniciativa privada, organizações não governamentais, organizações internacionais e comunidades, mas não há vínculo direto com instituições governamentais.

O que caracteriza as bibliotecas comunitárias é o seu uso público e comunitário. Portanto, devem ser planejadas em conjunto com a comunidade, para que seja possível construir um ambiente que proporcione a leitura como meio de inclusão, a ideia principal é formar leitores, por isso o público precisa se identificar com os livros disponíveis no acervo.

O objetivo deste trabalho é apresentar os processos envolvidos na formação de leitores, apresentar o perfil de leitor no Brasil e alguns motivos pelos quais o número de

não leitores é tão significativo buscando apontar as bibliotecas comunitárias como fortes meios de mudar este cenário.

1. A LEITURA, O LIVRO, A LITERATURA

O que mais me motiva na escrita deste trabalho é pensar no papel e na importância que ler sempre teve em minha vida. O momento em que me percebi leitora moldou minha personalidade e desejos, foram anos cercada pelos livros de casa, e os livros da biblioteca da escola. Anos me sentindo à vontade em ambientes cercados por livros e cheios com as possibilidades que cada leitura poderia proporcionar. O que mais lembro desse período saindo da infância e por toda a adolescência é a sensação de conforto e compreensão que a leitura me oferecia.

Hoje em dia, leio consideravelmente bem menos livros do que li neste período que comentei, até me questiono a respeito de estar escrevendo um trabalho sobre a importância da leitura e de ter acesso a isso, quando no momento não leio por lazer há meses. Porém, ao acessar lembranças de como o livro, a literatura e o ler foram essenciais em minha formação como pessoa que reflete sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca, percebo que os impactos da leitura jamais serão invalidados ou menos importantes.

Para Jeferson Tenório, autor nascido no Rio de Janeiro, mas radicado em Porto Alegre, a literatura salva, resgata e traz de volta seja lá de onde estiver algo que pode ter se perdido dentro de si mesmo. No texto publicado recentemente “A literatura salva?”, o autor afirma que a literatura está relacionada a uma tomada de consciência. E penso que esse despertar, essa consciência fica com o indivíduo independente dos rumos que tomar, porque é lendo que posso encontrar soluções para problemas que pareciam inéditos, mas que já foram narrados anteriormente e ao ter o acesso a essa informação posso chegar a novas conclusões e perspectivas.

Na leitura existe uma identificação e o leitor se vê ali, se torna aquilo que lê e se percebe na vida real como alguém capaz e de certa forma instrumentalizado para lidar com o mundo e com como o mundo pode tratá-lo. Tenório (2022) afirma não ter “dúvidas que será pelo sonho e pela ficção que nos salvaremos todos” e reflete “que a salvação pela literatura nada tem a ver com um tipo de antídoto, mas com salvação relacionada à tomada de consciência.”

Acredito que na literatura uma pessoa pode se encontrar, a partir do momento que se percebe na leitura nas questões psicológicas e físicas, individuais e sociais que personagens e tramas apresentam. Se identificar com como tal personagem pode ser parecida fisicamente com o leitor, em como o contexto social de determinado personagem é parecido ou também muito divergente ao que o leitor já experienciou. Há uma troca muito pessoal entre leitor e as palavras ficcionais que ganham toda uma vida e significados pessoais para quem os lê. A literatura possibilita tanto, que pensar que o acesso a livros e literatura não é algo possível para muitas pessoas parece uma ideia absurda. Isso porque a literatura é direito, negar acesso ao livro é encerrar possibilidades e desenvolvimentos em cofres cuja senha é a arte, a literatura.

Dessa forma, pretendo abordar neste capítulo as ideias propostas por Ezequiel Theodoro da Silva, no livro *Leitura e Realidade Brasileira* (1997), onde o autor apresenta a ideia de que a leitura é problema na sociedade, a medida em que a disseminação do acesso ao conhecimento proporcionado pelos livros e pela leitura depende dos interesses tanto da sociedade quanto do Estado. Em prefácio ao livro, Regina Zilberman aponta que:

Se a leitura é um processo individual, inaugurado a partir da alfabetização, o acesso a essa última depende da organização da sociedade e do Estado que ajuda a mantê-la e a reproduzi-la. E ambos - sociedade e Estado - podem estar mais ou menos interessados na disseminação do conhecimento à disposição, já que a posse deste gera uma maior mobilidade dos grupos humanos, assim como um aumento qualitativo da capacidade crítica dos indivíduos - e, portanto, de seu potencial reivindicatório. [...] Conhecimento e ação são fatores contínuos, mas o elemento de transição entre eles é o livro. Portanto, vetar o acesso a este último, ou torná-lo difícil e desinteressante, é um procedimento próprio de uma sociedade autoritária, do mesmo modo que desencadear uma campanha por sua difusão significa engajar-se num programa comunitário de democratização. (ZILBERMAN, 1997)

Além disso, serão abordados os pensamentos de Antonio Candido no ensaio “O direito à literatura” (2004), onde o autor elenca diversos direitos humanos como à alimentação, à saúde, à moradia e ao lazer, entre outros direitos fundamentais que operam na garantia da integridade social. O autor apresenta então a ideia de que a arte e a literatura também são direitos, à medida em que são também necessidades universais que precisam ser satisfeitas.

2. 1. É lendo que se aprende

Penso que na literatura é onde residem diversas referências, conselhos, lemas para a vida e exemplos de como reagir ou passar por adversidades que moldam os caminhos e escolhas do leitor ao longo da vida. Os livros sobrevivem, à medida que mexem com estruturas e colocam em palavras sentimentos e pensamentos não formulados pelo leitor. Cada livro e suas mensagens vão sendo depositadas em uma mochila imaginária que acaba por guiar escolhas, gostos e desejos.

Em *Orgulho e Preconceito* (1813), escrito por Jane Austen, por exemplo, ao narrar o cotidiano de uma pequena sociedade inglesa percebo semelhanças com como me sinto a respeito da sociedade e dos personagens da vida real de hoje em dia. Quando leio:

Há poucas que eu ame de verdade, e menos pessoas ainda de que eu tenha boa opinião. Quanto mais conheço do mundo, mais me sinto insatisfeita com ele; e a cada dia se confirma a minha crença na incoerência de toda personalidade humana, e na pouca confiança que podemos depositar na aparência de mérito ou razão. (AUSTEN, 1813, pág. 317).

Me identifico com uma personagem que acaba por traduzir para leitores dos dias de hoje percepções não formuladas antes da leitura. Assim, a leitura vai sobrevivendo para além do livro, enquanto proporciona formas de descrever e de entender o mundo e as questões que nele ocorrem.

Outra obra que também exemplifica isso de certo modo é *1984*, de George Orwell (1949) que apresenta uma trama distópica mas que causa identificação com o leitor contemporâneo quando a seguinte reflexão, logo ao início traz a questão do "como fazer para comunicar-se com o futuro? Era algo impossível por natureza. Ou bem o futuro seria semelhante ao presente e não daria ouvidos ao que ele queria lhe dizer, ou bem seria diferente e sua iniciativa não faria sentido" (ORWELL, 1949, pág. 18).

Neste trecho, o protagonista Winston se questiona se escrever um diário contando para o futuro sobre sua vivência serviria de algo. Bem, relatos literários mesmo que ficcionais se provaram válidos em minha jornada como leitora ao passo em que distopias como a citada escancaram problemas sociais que não cessaram com o tempo, como a questão da atuação e manipulação negativas do Estado nas vidas alheias.

Através de uma forma literária que pode ser ficcional ou não, o conhecimento e entendimento acerca de realidades e de perspectivas, vem na leitura de forma impactante e transformadora. Ao contrário de textos extremamente técnicos que afirmam muito, mas que não fazem o leitor sentir nada, muito se ganha com a literatura neste sentido. O poder da literatura também reside nisso, em como empatia e identificação são acessados justamente pela palavra de forma literária e não como a listagem de dados que parecem apenas frios e distantes do leitor.

No livro *A Guerra dos Tronos (1996)*, primeiro volume da série de livros *As Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin, o personagem Tyrion faz o seguinte comentário sobre os livros: “Possuo um entendimento realista das minhas forças e fraquezas. A mente é a minha arma. Meu irmão tem a sua espada, o Rei Robert, o seu martelo de guerra, e eu tenho a mente... e uma mente necessita de livros da mesma forma que uma espada necessita de uma pedra de amolar para se manter afiada” (MARTIN, 1996, p. 92). A partir deste breve comentário o leitor pode se identificar com o personagem, tendo também empatia pela rejeição social que ele sofre ao mesmo tempo que acaba refletindo com Tyrion sobre o papel da leitura em sua própria vida.

Já na leitura do diário de Carolina Maria de Jesus *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada (1960)* tem-se mais um exemplo de como a literatura pode atingir e afetar o leitor. A escritora, moradora da favela do Canindé narra sua vida e a dos filhos a partir do ano de 1955 e em meio a trechos como o seguinte: “15 de julho de 1955: Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar” (JESUS, 1960, pág 11).

Na obra, lê-se um relato tão cru da realidade brasileira daquela época, mas que também atinge ainda mais o leitor de agora que vive diante de dados e manchetes no Jornal Nacional que afirmam que o “Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas”, em pleno 2022 o país retorna a situação de fome crônica que atinge agora 4,1% de pessoas.

Literatura como a de Carolina Maria de Jesus retoma também a ideia de Antonio Candido a respeito dos direitos humanos e da literatura. É possível observar a união

das duas coisas quando a autora, narrando suas vivências, cria literatura em meio a falta de outros direitos básicos como a alimentação.

Ao mesmo tempo, a autora apresenta um relato que denuncia uma situação que no passado não deveria ter sido aceitável e que no contexto de 2022 não deveria nem ser cogitada como realidade, mas que, infelizmente, ocorre de forma agressiva nas vidas de tantos brasileiros. É revoltante pensar que o relato real da autora se torna ainda tão atual por causa de um Estado despreocupado com o básico que é a alimentação, e que dificilmente tem alguma preocupação com outros direitos básicos, como o acesso a arte, a literatura.

É em meio a distopias, fantasias e realidades adversas que um leitor acaba se encontrando e entendendo dinâmicas de poder que contribuem para um entendimento maior da luta por direitos básicos. Nessas leituras nasce a consciência que Jeferson Tenório relata em seu texto “A literatura salva?” (2022), quando cita Carolina Maria de Jesus como uma leitura transformadora e ao meu ver ela, assim como Austen, Orwell e Martin citados anteriormente, também foram leituras geradoras de alguma consciência em mim ao mesmo tempo que formaram minha visão sobre literatura e mudaram minha visão de mundo para sempre. O não acesso a livros, a literatura e a leitura é um direito desrespeitado cotidianamente, é impedir a salvação, de certa forma, que este tipo de conteúdo literário oferece.

A leitura acaba sendo uma forma de escapar da realidade, ao mesmo tempo que puxa o leitor para a própria realidade, à medida que pode se identificar e traçar paralelos com o que vive e com quem se é. A leitura, por fim, é uma forma de afirmação de quem se é perante o mundo, mas também faz entender como esse mundo funciona e age sobre o indivíduo no local social em que se encontra. Impedir que este desenvolvimento ocorra por falta de acessos priva o sujeito da liberdade proporcionada pela leitura.

Em situações de crise, a leitura é, dessa forma, uma via privilegiada para recuperar a experiência da criança que, em um ambiente calmo, protetor, estético entre a sua mãe e ela, “trabalha” por meio do jogo da separação, se reestabelece, e se emancipa. E isso em todas as idades (...). As obras literárias esbanjam paisagens sem conta, incitando cada um a compor sua própria geografia. Contos, lendas, livros ilustrados, romances oferecem uma topografia, balizam o espaço, abrem-no para o exterior. (PETIT, 2009, p. 93-94 apud TOIGO, 2019, p. 45).

Unindo referências e ideias constitui-se uma independência intelectual que abre possibilidades de entendimento além de ser um local que pode ser confortável, aconchegante ou incômodo, mas sempre trará alguma sensação e memória.

Assim, a literatura mexe com estruturas internas do leitor que vai se moldando a partir de suas leituras. Além da literatura entreter ao mesmo tempo que sempre ensina e transforma, a existência de espaços de formação de leitores é essencial para que seja posta em prática a literatura como um direito humano. As bibliotecas comunitárias acabam tendo esse papel, por serem ambientes que possibilitam a leitores de todas as idades a autonomia e liberdade proporcionadas pelos livros.

2. 2. O direito à literatura

A literatura é uma ferramenta poderosa que instrui e educa, através dela há “a possibilidade de viver os problemas dialeticamente” (CANDIDO, 2004, p. 17). Portanto, pensar que a literatura, assim como o acesso a diversas formas artísticas, também precisa ser considerado direito, é essencial, visto que a literatura nos deixa mais compreensivos e abertos à natureza e à sociedade.

Para Candido, a literatura é “o sonho acordado da civilização” (CANDIDO, 2004, p. 17), e assim talvez não haja um equilíbrio social sem que a literatura esteja presente. A partir da literatura ocorre um processo de humanização e mesmo de entendimento próprio e da comunidade em que o sujeito está inserido. Um exemplo disso, é que não é raro encontrar em livros, ficcionais ou não, dilemas e situações que ocorrem na vida cotidiana, mas que espelham a realidade e como situações são abordadas, mas também mostram o que é defendido ou rechaçado socialmente. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. (CANDIDO, 2004, p. 17).

Na literatura existem diferentes realidades e situações, para Candido ainda a literatura humaniza ao trazer o bem e o mal e porque faz vivenciar diferentes realidades e situações, atuando como uma espécie de conhecimento que instrui que forma agir. O autor ainda aborda o conceito de humanização desenvolvida através da literatura:

“o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos

seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 22).

O autor destaca ainda a função social que a literatura tem quando, a partir dela são focalizadas situações de restrição de direitos ou negação deles “como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 2004, p. 28), e por isso, a literatura está ligada a luta pelos direitos humanos.

Por fim, Candido defende que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura, o que presume o respeito e a luta aos direitos humanos em todas as modalidades e níveis, incluindo o direito à própria literatura.

Angelo (1983) também aborda uma perspectiva sobre a leitura no Brasil e como é na verdade indispensável o ato de ler dentro da sociedade atual, ainda mais se levar em conta o contexto Brasil 2022. A sociedade a qual Angelo se refere se encontrava próxima ao fim do período de ditadura militar, enquanto o período atual no Brasil nota-se mesmo que em uma democracia, ainda se vê questionados e em perigo direitos inquestionáveis. É importante ressaltar também que embora tenha sido escrito há mais de 30 anos, as palavras do autor ainda são recentes o suficiente para entender que muito ainda se assemelha a agora. Para o autor:

Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura. Um dos fatores da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, nos níveis individual e coletivo. Uma sociedade que sabe expressar, sabe dizer o que quer, é menos manobrável.- Não falo apenas da liberdade de escolher governos ou sistemas de trabalho, mas também a de influir concretamente na vida comum (...) mas essa liberdade, traduzida em responsabilidade, não interessa, nunca interessou aos governos, aqui sempre se achou melhor decidir pelo povo, escolher para ele os caminhos e os precipícios".(ANGELO apud BADKE, 1984, pág. 43)

Assim, dentro de uma perspectiva social a leitura possibilita também um senso de responsabilidade política e social. Tanto no âmbito interno do sujeito quanto externo da comunidade em que está inserido, a leitura, de literatura ainda mais, torna possíveis interpretações que unem o interno e o externo, libertando as ideias e os ideais.

2. 3. Sobre a leitura

SILVA (1997) aborda a respeito das condições necessárias para o desenvolvimento da leitura e ressalta como ela é também uma conquista da espécie humana. Para o autor, se trata do acúmulo de observações de outras mentes que vieram antes e que são passadas através da palavra oral ou escrita, ou seja,

Toda a sociedade, nas suas diferentes etapas evolutivas, produz um dos instrumentos para conhecimento e transformação dessa memória, isto é, das idéias, instrumentos e técnicas produzidos e conservados pela humanidade. Por isso, o processo de leitura representa também a compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. (SILVA, 1997)

De um ponto de vista reflexivo, o autor propõe então que a leitura trabalha no combate à alienação e é capaz de facilitar que o indivíduo chegue a uma liberdade plena. Para o autor, é necessário ter em mente se a organização social, onde a leitura aparece e se localiza, ajuda ou não no surgimento de leitores críticos e transformadores. Para o autor:

É preciso saber, ainda, se uma sociedade, por meio dos organismos dirigentes, concebe a leitura como uma atividade destinada à realização e ao bem-estar do povo ou como uma atividade que impede o surgimento da consciência e da racionalidade. É preciso saber, enfim, se o objeto da leitura, em seus diferentes suportes, circula democraticamente numa sociedade de modo a permitir sua fruição por parte dos homens que constituem essa sociedade. Tais necessidades revelam que o problema da leitura não se desvincula de outros problemas enraizados na estrutura social; é praticamente impossível discutir as vivências ou carências de leitura de um indivíduo sem situá-lo dentro das contradições presentes na sociedade onde ele vive. (SILVA, 1997)

A partir da alfabetização tem-se o primeiro passo para o desenvolvimento da leitura em uma sociedade, dessa forma, ser alfabetizado é também ter a possibilidade de atingir horizontes culturais que fazem parte do mundo da escrita. No entanto, o autor salienta que a alfabetização não é suficiente sem uma série de acessos como aos livros e outros materiais de leitura, bem como acesso a tempo para usufruir de bens culturais escritos. Outro fator essencial e que influencia diretamente no acesso a livros, jornais e revistas é a questão financeira que acaba influenciando tanto a parte de acesso a compra de livros, sejam eles em formato físico ou digital, quanto em gastos com alimentação, saúde, moradia e formas de lazer.

Para o autor, as “condições e circunstâncias, de ordem sócio-cultural e econômica, são necessárias para que as práticas de leitura sejam efetivamente exercidas” (SILVA, 1997). Silva acaba por escancarar a desigualdade social que é refletida também no acesso à leitura e em como o livro pode também ser visto como um meio de produção que deve ser tomado e representa uma ferramenta para a destruição da alienação.

2. LEITORES EM FORMAÇÃO

Acredito que compreender a forma como o tornar-se leitor ocorre na sociedade depende muito também de conhecer como os indivíduos se comportam e quais hábitos os levaram e levam a buscar a leitura. Por isso, neste capítulo pretendo abordar as recentes pesquisas realizadas pelo Instituto Pró-Livro (IPL) em parceria com o Itaú Cultural. Os resultados de duas pesquisas feitas em 2015 e em 2020 revelam dados quantitativos a respeito de quem é leitor no Brasil, onde destaco resultados de Porto Alegre/RS, além da análise proposta pelas pesquisas dos perfis e dos motivos para os leitores lerem ou não. O estudo também analisou a familiaridade dos entrevistados com as bibliotecas na cidade.

Será abordada também a pesquisa também realizada pelo IPL e pelo Itaú Cultural onde foram entrevistados frequentadores de eventos literários. A pesquisa investigou o perfil e influência de páginas na internet que cumprem de certa forma o papel de mediadores de leitura e influenciam os novos leitores tanto nas escolhas de leitura como na ampliação de discussões acerca das obras literárias.

Por fim, busco destacar o papel essencial que as diversas mediações de leitura promovem nas vidas dos novos leitores. Sejam elas feitas na primeira infância pelos pais e/ou parentes próximos, seja através da escola e de seus educadores ou realizadas pelos meio digitais através dos chamados booktubers.

3. 1. Brasileiro e a leitura

Entre 2019 e 2020, o Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural ouviu 8076 pessoas em diversos municípios do Brasil. A pesquisa teve como objetivo conhecer o comportamento do leitor, levando em conta a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e condições de leitura e de acesso ao livro (impresso ou digital), identificando os hábitos de leitura dos brasileiros especialmente com relação à literatura. O público-alvo foi a população residente a partir dos cinco anos, alfabetizadas ou não, sendo realizada a pesquisa de forma presencial.

Na pesquisa considera-se leitor aquele quem leu inteiro ou em partes pelo menos um livro nos últimos três meses (IBOPE, 2020). Dessa forma, em Porto Alegre/RS,

foram verificados os seguintes dados: 52% dos porto-alegrenses são leitores sendo o seguinte perfil dos leitores entrevistados:

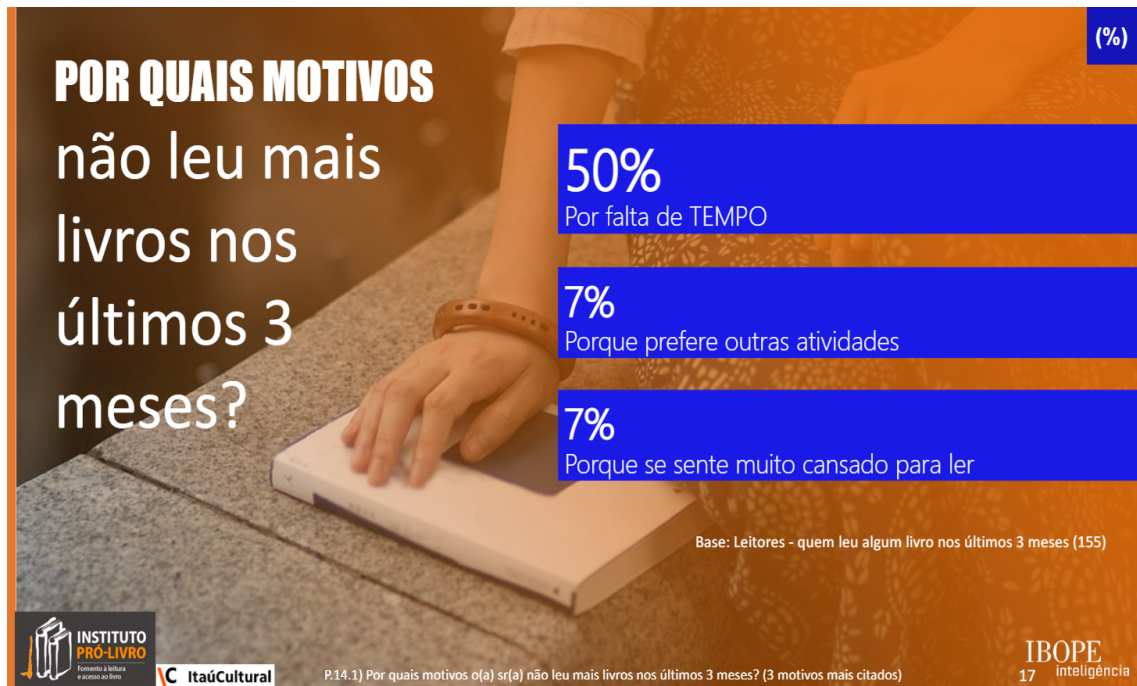
Imagem 1: Perfil do leitor em Porto Alegre/RS



Fonte: Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, 2020.

Conforme os dados apontados, o maior público de leitores em Porto Alegre/RS são de mulheres, pessoas da classe C e que não estão estudando. Dentre os motivos relatados para não lerem livros nos últimos três meses, a pesquisa apontou a falta de tempo como o principal fator:

Imagem 2: Por quais motivos não ler.



Fonte: Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, 2020.

Aqui, é possível relacionar a falta de tempo também ao cansaço, pois com rotinas corridas demais, muitas vezes o único tempo sem estar envolvido em alguma atividade como trabalho, estudo ou tarefas domésticas, é o trajeto no ônibus, indo e voltando do trabalho/escola/faculdade. Tendo em vista que a maioria das pessoas precisa acordar muito cedo e voltam para casa muito tarde, não resta muitas vezes vontade e disposição física e mental de fazer qualquer coisa que exija foco como é o caso da leitura.

Descrevo isso tendo passado exatamente pela rotina relatada acima: acordar às 6h da manhã, pegar ônibus e ir para o trabalho, sair às 18h da tarde tendo a os dias da semana intermediados por idas e voltas de ônibus muitas vezes lotados, para então chegar em casa me sentindo cansada demais para qualquer coisa que exija foco. Dessa forma, é bastante difícil repensar a própria rotina para que a leitura se encaixe dentro de um cotidiano exaustivo que torna o tempo de lazer cada vez mais escasso.

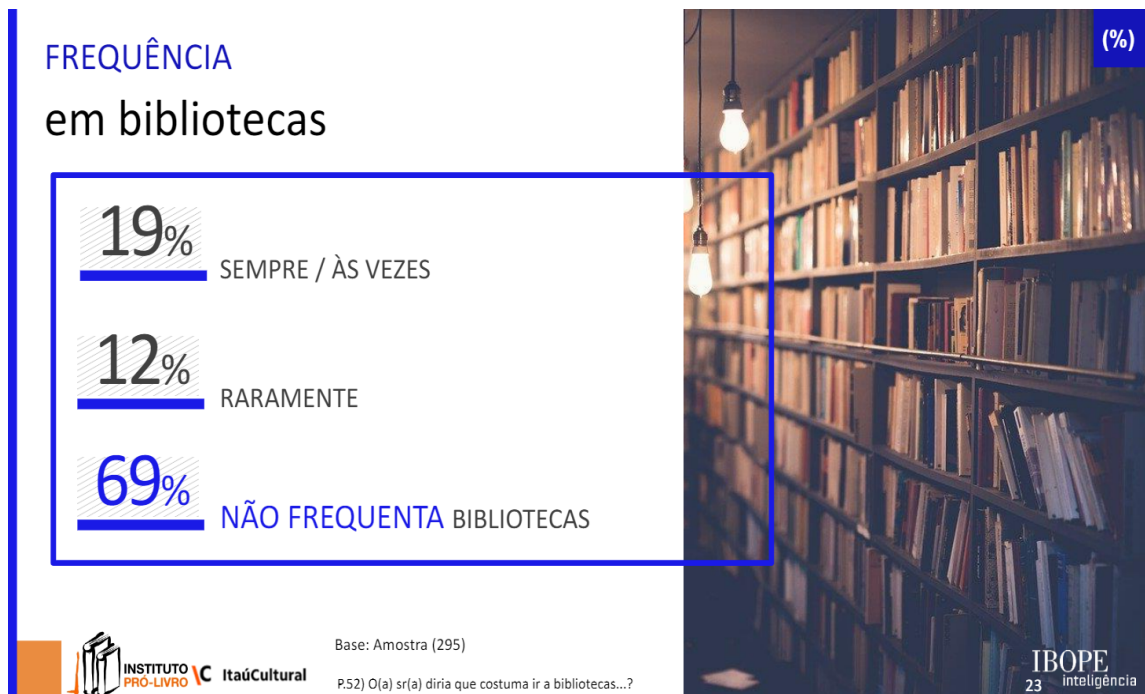
Escrevo um trabalho de conclusão de curso sobre leitura e como isso é importante e faz parte de quem sou, ao mesmo tempo em que não consigo ler um livro completo há meses, me encaixando de certa forma para as estatísticas apontadas na pesquisa. Isso demonstra o quanto é complexa essa situação e como os dados

apontados acima apenas confirmam algo recorrente nas vidas de muitos brasileiros.

Por outro lado, penso que ainda tive a oportunidade de descobrir que gosto de ler e de me encontrar nas leituras, apesar de agora estes momentos estarem mais escassos. Porém, entre a porcentagem acima muitos não tiveram também a oportunidade de se apaixonar pela leitura e de enxergar a literatura como um refúgio e um lugar seguro, e acabam associando a leitura a uma obrigação para passar em provas da escola, vestibulares e concursos.

A falta de oportunidades de enxergar a leitura como algo agradável e prazeroso, pode ser decisiva também para que o hábito de ler por gosto não surja, atrelado a fatores externos, como a falta de tempo, o cansaço e por desconhecer espaços de leitura disponíveis a todos. Isso aparece nos próximos dados apontados pela pesquisa, quando os entrevistados foram questionados sobre a utilização de bibliotecas e se conhecem bibliotecas na cidade, o seguinte aparece:

Imagem 3: Frequência em bibliotecas.



Fonte: Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, 2020.

Imagem 4: Sabe de alguma biblioteca.

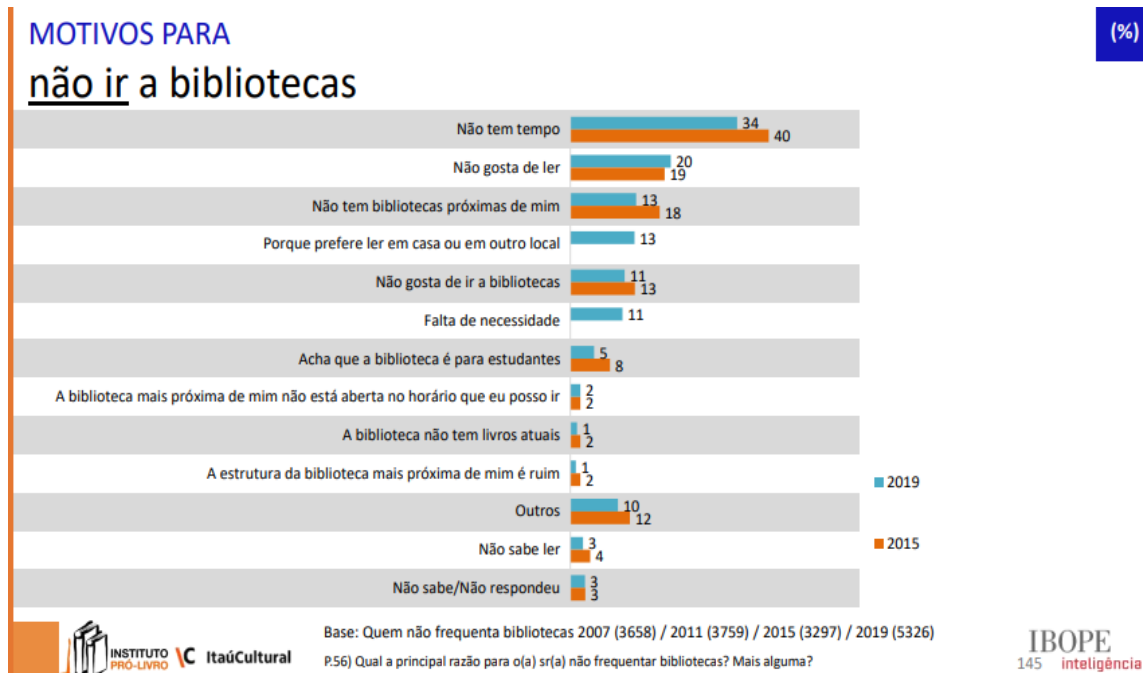


Fonte: Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, 2020.

Dessa forma, percebe-se que a frequência em bibliotecas é bastante baixa, pois apenas 44% sabem que existem bibliotecas públicas e 19% sabem da existência de bibliotecas comunitárias, porém de modo geral 69% das pessoas não frequentam estes espaços enquanto a maioria também desconhece que eles existem. Acredito que a pouca familiarização com a existência das bibliotecas e a baixa frequência nelas, tem a ver com o que mostra a Imagem 2, onde a falta de tempo afeta também a possibilidade dos indivíduos irem nestes espaços.

Acredito que o maior contato com bibliotecas e conseqüentemente com os livros que nela habitam ocorre na fase escolar. Assim, parece que não raramente quando não estudando o indivíduo acaba se distanciando desses ambientes quando outras tarefas cotidianas tomam conta do tempo e dos pensamentos. A Imagem 5 demonstra algumas justificativas dos entrevistados para não frequentar bibliotecas, os dados são do Brasil inteiro e não apenas de Porto Alegre/RS:

Imagem 5: Motivos para não ir à bibliotecas.



Fonte: Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, 2020.

Isso parece também resultado de outras faltas que acabam negando ou dificultando direitos ao lazer. Ocorre que a própria estrutura social impede o descobrimento desses espaços e o uso deles, dificultando para muitos a possibilidade de se encontrar como leitor que lê por gosto e não por obrigação; que tem tempo de conhecer uma biblioteca pública ou comunitária ou que pode sentar-se e ler sem estar indo para algum lugar às pressas ou tendo de escolher entre o descanso e o lazer. Isso porque ambos são direitos, mesmo que na prática sejam dificultados pela própria rotina cansativa que impede de frequentar uma biblioteca em horário comercial, por exemplo. A biblioteca é pública, porém fica restrita a poucas pessoas no final das contas.

Dentro da minha experiência, as oportunidades que tive de frequentar bibliotecas foram a maioria na fase escolar e durante a graduação em Letras. Havia certo incentivo por parte de professores durante o ensino fundamental e médio, porém onde estudei o interesse dos alunos não era trabalhado para além de leituras obrigatórias. Assim, no meu caso, parte do despertar para ir à biblioteca por vontade própria teve muito mais a ver com outros incentivos que tive fora da escola, em casa principalmente, do que pela própria escola. Outro fator que influenciou isso, foi que a própria escola pública em que estudei não tinha muitas ferramentas para manter o espaço da biblioteca, tendo que

deixá-la fechada por anos por falta de bibliotecária. Por este motivo também o foco do trabalho são outros ambientes de leitura fora da escola. Entendo então que a escola pode ter uma participação enorme na formação de leitores, porém, por inúmeros fatores, não consegue cumprir totalmente um papel de mediadora.

Por outro lado, ressalto que o momento em que mais tive tempo para ler por lazer e construir minha jornada como leitora foi justamente durante os anos escolares. O acesso a bibliotecas foi maior, dentro e fora da escola, sendo que tinha disponíveis de forma gratuita a biblioteca da própria escola, a biblioteca da Casa de Cultura Mario Quintana e a Biblioteca do Sicredi, para citar alguns exemplos. Os ambientes eram abertos para que pudesse escolher e descobrir novas leituras, porém não havia mediação que pudesse guiar os leitores nesses espaços de modo a conhecê-los ou mesmo ficarem sabendo que estavam disponíveis.

Em eventos culturais recentes de Porto Alegre/RS como a Feira do Livro, a Noite dos Museus, a Bienal do Mercosul e a Semana do Cinema, percebe-se que quanto mais divulgados e acessíveis, maior também será a participação das pessoas. Mas para que isso funcione é preciso uma proximidade destas ações culturais com o dia a dia e com as possibilidades de tempo e de dinheiro das pessoas.

Isso ocorre também com relação ao uso das bibliotecas na cidade, se alguém não tem contato nenhum com esse tipo de ambiente, por exemplo, dificilmente achará interessante e irá atrás disso. Por isso, quanto mais próximo da vida real do cotidiano e de forma acessível há possibilidade de um interesse nascer.

Com a leitura ocorre isso, muitas pessoas que dizem não gostar de ler não tiveram incentivos para que o gosto pela leitura existisse, não se trata apenas de não ter lido ainda corretamente, mas sim que não apareceram identificação e ferramentas para que o não leitor pudesse de fato apreciar a leitura. Portanto, iniciativas como feiras do livro, poder ter acesso ao livro além da escola, canais na internet falando de livros informalmente, são tão importantes.

Porque ler não é apenas estudo, mas também é diversão e descobrir novos interesses, se encantando para o bem ou para o mal com os universos narrados, sejam eles próximos da realidade ou completamente fantasiosos. Alguém pode ser obrigado na escola a ler inúmeros livros e nunca gostar de ler, pode estudar Letras na faculdade

e ainda não gostar de ler, porque o prazer com a leitura está além de uma obrigação imposta. Mexe com todos os sentidos de forma que é necessário ver e tocar o livro para interessar, precisa-se ouvir alguém falando sobre na internet, ou passando na rua e se deparar com um evento gratuito como é a feira do livro. São coisas como estas que parecem dar um empurrão capaz de despertar interesse.

Assim, parece que há muitas faltas que distanciam o indivíduo do acesso ao livro e também de outras formas de cultura, porém algumas iniciativas tornam possíveis este cenário. Ter acessos muito tem a ver com oportunidades que não parecem tão disponíveis para muitos por diversos motivos, especialmente na vida adulta onde tudo é tão corrido e como confirmam as respostas da pesquisa quanto a não irem em bibliotecas ou mesmo saber que existem na cidade. Outra falta que parece influenciar nesse cenário é que muitas vezes, mesmo disponíveis, os espaços não tem quem possa mediar e guiar os leitores ajudando na construção de uma jornada de leituras apenas por lazer.

3. 2. Leitores e a mediação

Retomando os resultados apresentados pela pesquisa do IPL, é notável que ocorreu uma baixa de 4% na quantidade dos leitores entrevistados no país como um todo se comparados com os resultados da mesma pesquisa realizada em 2015. Porém, por outro lado, há de se destacar, o crescimento da influência de redes sociais como o TikTok, o Youtube e o Instagram no interesse em leituras de livros.

De modo geral, ambas pesquisas apontam que mais de 50% da população é considerada leitora, ao mesmo tempo que diversos fatores sociais e econômicos interferem no aumento destes resultados. Como mencionado na seção anterior, condições econômicas, falta de tempo e de acesso ao livro e a espaços de leitura contribuem para que seja ou não aumentado o interesse pela leitura.

Dentre os dados apontados na pesquisa realizada em 2015 pelo IPL, os resultados reforçam também que o hábito de leitura é uma construção que geralmente ocorre na infância, e costuma ser influenciado por pais, mães, parentes próximos e professores. Também segundo a pesquisa, a influência de mediador de leitura é chave

no desenvolvimento deste hábito. Conforme as conclusões apresentadas na pesquisa de 2015:

Apenas um terço dos brasileiros teve influência de alguém na formação do seu gosto pela leitura, sendo que a mãe ou responsável do sexo feminino e o professor foram as influências mais citadas. E a pesquisa indica que essa influência tem impacto no fato do indivíduo ser ou não leitor, uma vez que, enquanto 83% dos não leitores não receberam a influência de ninguém, o mesmo ocorre com 55% dos leitores. No entanto, a pesquisa também indica que o potencial de influenciar o hábito de leitura dos filhos está correlacionado à escolaridade dos pais – filhos de pais analfabetos e sem escolaridade tendem menos a ser leitores que filhos de pais com alguma escolaridade. Da mesma forma, enquanto 57% dos leitores viam suas mães ou responsáveis do sexo feminino lendo sempre ou às vezes, 64% dos não leitores nunca viam essas figuras referenciais lendo (embora com diferentes proporções, o mesmo se dá em relação à figura do pai ou responsável do sexo masculino). (PRÓ-LIVRO, 2015)

Assim, como demonstra a pesquisa realizada em 2015, a influência de outras pessoas atuando como mediadoras de leitura nas vidas de leitores em formação é imensa. Em minha experiência, por exemplo, foram meus pais que me levaram à Feira do Livro de Porto Alegre e compraram diversos livros infanto-juvenis ao longo de toda minha infância. Posteriormente, ocorreu uma espécie de transferência de leituras: o que foi lido por eles no passado, passou a ser lido por mim naquele período.

Acredito que este tipo de contato também ajudou a trilhar meu caminho como leitora e aparece na jornada de muitos leitores também. Até que passasse a entender quais leituras mais agradavam, foi preciso conhecer de tudo um pouco, de certa forma, um processo em que não haviam cobranças em cima do ato de ler, mas sim se tratavam de momentos de lazer incentivados pelos primeiros mediadores responsáveis por me apresentar a vida. Isso confirma também a importância de ver figuras referenciais lendo desde a primeira infância.

Destaco também a influência das redes sociais, não somente no período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, mas também anteriormente à pandemia. Canais literários no Youtube, em português brasileiro, existem desde meados de 2009 e 2010, e contribuem desde então para que muitos jovens tenham referências de leitura para além da escola com uma linguagem simples e informativa.

Canais com o *Literature-se*, criado e apresentado por Mell Ferraz desde 2010, apresentam dicas de leituras e propõem leituras conjuntas onde o público que

acompanha o canal pelo Youtube e pelo Instagram entram em contato com diferentes obras com um incentivo de ler e discutir as leituras em lives e em grupos no Telegram.

Outro exemplo de ambiente literário em conjunto, que incentiva leitores na internet, é o canal no Youtube e página no Instagram *Literatura Inglesa Brasil*, gerenciada pela Marcela Santos Brigida, que desde 2019, propõe leituras conjuntas e traz para o meio virtual leituras e discussões sobre livros escritos originalmente em inglês, clássicos ou atuais.

Mais um exemplo de leituras na internet ocorre também através do podcast *Hodor Cavalo*, criado em 2018, por Mirian Castro, Carol Moreira e Flávia Gasi que propõem a leitura e discutem semanalmente os livros das *Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin. A proposta aqui era que em cada episódio do podcast fossem discutidos cada capítulo das crônicas nas redes sociais do programa, em especial no Facebook.

Assim, iniciativas como as citadas atuam como mediadoras de leitura, além de criar uma comunidade leitora bastante expressiva, movimentando também o mercado editorial que em muitos casos acaba divulgando lançamentos literários e eventos através de canais como os mencionados acima.

Além disso, estes canais participaram de minha jornada como leitora, apresentando uma visão menos formal e mais leve dos livros. Para jovens leitores a internet pode proporcionar muitas possibilidades de se apaixonar pela leitura e nesse sentido quanto mais incentivos e estímulos melhor, especialmente pelo senso de comunidade que muitos ambientes virtuais criam.

Por este lado, é gerada uma comunidade que funciona como um microcosmo da sociedade, onde pessoas de diversos contextos sociais se reúnem na prática de leitura. Infelizmente, não é acessível a todos esse tipo de oportunidade de se conectar virtualmente com outros leitores e a leitura, porém se trata também de mais um meio por onde o gosto pela leitura pode ser cultivado.

Assim, a mediação de familiares e da escola é essencial, assim como é válida também a atuação dos booktubers falando de suas leituras e incentivando leituras coletivas na internet. Tudo isso contribui para a formação de leitores, porque são meios por onde o indivíduo tem a vista livros e pode ter interesse nas leituras. A mediação é

uma parte da formação do leitor e para que tenha efeito é preciso também de espaços que sejam acessíveis e que possam ser conhecidos por mais pessoas. Acredito que as bibliotecas comunitárias que serão citadas posteriormente cumprem esse papel de mediar e apresentar a literatura as suas comunidades tornando o livro parte do cotidiano, algo visível e que pode ser acessível.

3. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

De modo geral, pode-se pensar que bibliotecas comunitárias se referem aquelas onde a própria comunidade envolvida num processo de emancipação social, cria espaços públicos onde são potencializadas capacidades e talentos de forma criativa e inovadora.

A biblioteca comunitária surge assim como um espaço onde, através da leitura, este processo se inicia nas comunidades onde são formadas. Porém, essa concepção é cercada por discussões quanto às diferenças e semelhanças com outros tipos de bibliotecas, o que pode gerar muitas vezes definições incompletas ou equivocadas, resultando numa dificuldade de definir completamente bibliotecas comunitárias.

Portanto, neste capítulo pretendo abordar o histórico do termo onde e como já foi aplicado, quais os casos em que a definição de fato se aplica bem ao termo bibliotecas comunitárias e onde essas definições foram aplicadas incorretamente. Assim, busco apresentar uma espécie de definição definitiva proposta em 2008, por Elisa Machado em sua tese de doutorado.

A autora compreende a biblioteca comunitária como um processo que surge de forma subversiva, o oposto do que uma instituição gerida pelo governo, por exemplo, seria. Essa proposta de biblioteca se relaciona com a ideia de que uma “biblioteca verdadeiramente pública” não é implantada, mas “surge de um processo de emergência cultural” (FLUSSER, 1980, p. 137 apud MACHADO, 2008, p. 50).

A biblioteca comunitária é um processo social que surge do coletivo, ela é “uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes, passando praticamente despercebida pela academia (MACHADO, 2008, p. 51). A biblioteca comunitária acaba sendo um espaço compartilhado no dia a dia e trabalha com o intuito de empoderar a própria comunidade, a partir de ações realizadas pelas pessoas que vivem aquela realidade.

Por fim, neste capítulo será discutido a respeito de que forma as leituras são mediadas nestes espaços e serão apresentadas três bibliotecas comunitárias

localizadas em Porto Alegre/RS. São elas a Biblioteca Comunitária Chocolateiro, a Biblioteca Comunitária do Arquipélago e a Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.

4. 1. O termo biblioteca comunitária

Conforme abordado por Elisa Machado (2008) em seu estudo, há uma certa linha do tempo em que o termo biblioteca comunitária foi sendo utilizado em diferentes contextos. A autora aborda então alguns deles, conforme destaque a seguir.

Segundo Almeida Júnior (1997), o termo biblioteca comunitária é citado pela primeira vez na literatura brasileira em 1978 por Carminda Nogueira de Castro Ferreira, bibliotecária, e se referia a experiência estadunidense do início do século 20 que visava uma integração da biblioteca pública com a biblioteca escolar.

Já Badke (1984) escreve sobre biblioteca popular, analisando o projeto de biblioteca proposta no bairro das Laranjeiras, localizado em Vitória, no Espírito Santo. No artigo, a autora se utiliza do termo biblioteca popular, tendo em vista a ideia de que o popular é aquilo feito pelo povo, com sua efetiva participação. Sua percepção acerca de biblioteca popular se assemelha a ideia atual de biblioteca comunitária, para a autora:

A biblioteca popular caracteriza-se por surgir da vontade, necessidade e trabalho de uma comunidade; ela emerge do esforço de pessoas que lutam juntas, tendo como principal objetivo realizar um trabalho baseado na proposta de transformar a realidade vigente. Essas bibliotecas normalmente aparecem em bairros onde vivem pessoas de uma classe social menos favorecida, com experiências de lutas sociais (BADKE, 1984, p. 18 apud MACHADO 2008, p. 53).

Já em 2003, Gorosito López apresentou a experiência da instalação da biblioteca comunitária no povoado “18 de Septiembre”, da cidade São Fernando, no Chile. Neste caso, o surgimento da biblioteca também partiu do povo visando à reivindicação à informação. Aqui, o autor denominou como biblioteca comunitária, porém apresenta uma definição semelhante à defendida por Badke: um projeto do povo para o povo.

Outro caso similar a ser mencionado é o apresentado por Geraldo Prado (2004), onde o autor analisa e avalia os impactos gerados a partir da criação da Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado, no povoado de São Tomé do Paiaíá, no município de Nova Soure no semi-árido baiano. Neste caso, se trata de uma biblioteca criada pelo autor a partir de ações pedagógicas e que acabou sendo incorporada pela comunidade.

A respeito dos fatores que contribuem para que as iniciativas de bibliotecas comunitárias citadas sejam bem sucedidas, Almeida e Machado (2006) apontam que:

O comprometimento com o projeto, a ponto de transformarem em uma causa o objetivo de incentivar a leitura e dar acesso à informação; em decorrência desse comprometimento, a consciência crítica e política de seu papel por parte das lideranças que se formam; o conhecimento do potencial transformador do projeto e a importância da participação e do envolvimento da comunidade; a importância da negociação seja ela com os moradores, com o poder público (escolas, órgãos de segurança pública, etc.) ou com parceiros da iniciativa privada ou do terceiro setor (ALMEIDA; MACHADO, 2006 apud MACHADO, 2008, p 54).

4. 1. 1. Em outros lugares

Pensando em como o conceito de bibliotecas comunitárias se formou fora do Brasil, o exemplo mais discutido é o da Escócia apresentado por John Crawford no 68th IFLA Council and General Conference de 2002. O autor entende que esses espaços, datam do século 17 e seus valores ficaram enraizados na cultura do país de forma que ainda hoje representam espaços de forte apelo democrático, inclusive esse movimento foi transferido para a Austrália na década de 1830.

São espaços administrados por comitês compostos pelos próprios membros da comunidade local. Diferentemente do que se tem no Brasil, esses espaços também são conhecidos como “library society”, porque os membros ou associados se inscreviam e pagavam taxas como se fosse um clube.

Este conceito apresentado por Crawford difere de outros países europeus, onde também verificam-se bibliotecas formadas por grupos de imigrantes que em decorrência das dificuldades linguísticas e vontade de preservar suas culturas formam espaços de leitura e trocas culturais no que se assemelha um pouco a ideia de biblioteca comunitária. Infelizmente não há muitos registros técnicos a respeito desse tipo de biblioteca nos países europeus.

4. 1. 2. Voltando para o Brasil

No Brasil, em termos gerais percebe-se uma dificuldade de conceituar biblioteca comunitária. Em geral, são espaços físicos abertos ao público local, onde o acesso à informação e as diversas formas de leitura são o centro das ações realizadas nestes lugares. A bibliografia sobre bibliotecas comunitárias ressalta que são espaços onde a

ação cultural é fortemente implementada. Um ambiente movido pela comunidade por suas demandas e são caracterizadas pelo público que as frequenta.

Uma forma de compreender o processo que forma as bibliotecas comunitárias é pensar em outros tipos de bibliotecas, como as públicas, e de que forma podem se assemelhar, mas principalmente, as diferenças que podem ser verificadas.

As bibliotecas públicas, por exemplo, são espaços públicos criados, no Brasil, por leis estaduais e municipais e são vinculadas diretamente com órgãos governamentais que respondem por sua manutenção através de recursos humanos, financeiros e materiais. O público dessas bibliotecas é considerado heterogêneo, ou seja, é um espaço que pode trabalhar com várias comunidades discursivas. Inclusive, a questão do público é bastante complexa visto que

Quanto maior for a homogeneidade, tanto de público quanto de informação, menos complexas são as ações para informar. Se ambos forem homogêneos, há um grau maior de facilidade para encontrar a informação certa para o usuário certo. No entanto, num outro extremo, se os dois forem heterogêneos, chega-se ao máximo de dificuldade (MILANESI, 2002, p. 76 apud MACHADO, 2008, p. 58).

O nome “biblioteca pública”, como mencionado anteriormente, é difícil de conceituar também porque existem casos em que estados e municípios brasileiros, pensando aproximar seu público das bibliotecas públicas, as chamam de bibliotecas populares ou comunitárias. Assim, com essa troca de nomenclaturas parece que o Estado busca criar uma aproximação alimentando um imaginário em torno da biblioteca, porém essa aparente mudança de perspectiva fica apenas no campo semântico, enquanto na prática o resultado segue sendo mais um afastamento de interesses do público e do Estado. Isso, segundo Chauí, é mais uma ação populista do que popular pois “a tradição populista mais forte no final dos anos 50 e início de 60, pretende que o órgão público de cultura tenha um papel pedagógico sobre as massas populares para depois de transformá-la, devolvê-la em sua verdade verdadeira ao povo” (CHAUI, 2006, p. 67 apud MACHADO, 2008, p. 59).

Ainda segundo a autora, do ponto de vista da sociedade o termo popular talvez tenha surgido “tanto pelos intelectuais que se identificam com o povo, tanto por aqueles que saem do próprio povo, na qualidade de seus intelectuais orgânicos” (CHAUI 2006, p.20 apud MACHADO, 2008, p. 59).

4. 1. 3. Bibliotecas públicas e Bibliotecas comunitárias

Retomando a ideia de que bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias têm semelhanças e diferenças, Machado apresenta as ideias de Almeida Junior que propôs um estudo que identificava as diferenças entre biblioteca pública, biblioteca popular e biblioteca comunitária. Almeida Junior parte de uma perspectiva histórica do surgimento das bibliotecas públicas traçando paralelos com o que denomina bibliotecas alternativas.

O autor afirma que o adjetivo comunitário pode ser empregado com o intuito de destacar essa proposta, parecendo mais atraente para a sociedade que, em função de uma nova designação, pode imaginá-la como uma instituição diferente da biblioteca pública sobre a qual já existe um estereótipo formado. Assim, a biblioteca comunitária passa a ter para a sociedade uma roupagem sem preconceitos e ideias que podem prejudicar sua atuação.

Dessa forma, para o autor o espaço, o acervo, o público e os serviços que a unidade informacional oferece são levados em consideração, concluindo que os dois tipos de bibliotecas seriam propostas sinônimas. Entretanto, Machado (2008) ressalta outros aspectos que vão de encontro ao que Almeida propôs anteriormente e que demonstram uma distinção maior entre as bibliotecas comunitárias e as bibliotecas públicas. Para Machado (2008):

- 1 a forma de constituição é diferente visto que são bibliotecas criadas pela e não para a comunidade, sendo resultado de uma ação cultural
- 2 a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social
- 3 o processo ser articulado de forma local com forte vínculo com a comunidade
- 4 a localização geralmente ser em regiões periféricas
- 5 o fato de não serem instituições geridas pelo governo ou com vínculo direto com o município e estados. (MACHADO, 2008, p. 60-61)

Assim, por conta destes aspectos, a autora propõe um complemento ao pensamento de Almeida Junior, concluindo que a biblioteca comunitária é sim outro tipo de biblioteca, porque tem autonomia, flexibilidade e articulação local, ampliando possibilidades de atuação e inserção na sociedade. A atuação está totalmente ligada à ação cultural, que parece ser o termo chave para compreender o funcionamento desse tipo de biblioteca. Portanto, segundo Machado,

"O emprego do termo biblioteca comunitária é mais apropriado para identificar o que consideramos ser empreendimentos sociais que surgem do desejo e da necessidade de um determinado grupo de pessoas em ter acesso ao livro. [...]"

Essencialmente, pode-se dizer que bibliotecas comunitárias são projetos de ação cultural movidos por um e para um grupo particular de pessoas. Essas pessoas ou grupos são agentes individuais ou coletivos que por meio de práticas sociais interferem numa realidade, agindo de maneira transformadora. (MACHADO, 2008, p. 63).

A imagem 6 abaixo, demonstra quadro proposto pela autora que aponta como as bibliotecas públicas e as bibliotecas comunitárias podem ser muito mais diferentes entre si, corroborando que é equivocado utilizar os dois termos como sinônimos, além de reunir informações que contribuem mais ainda para uma definição de bibliotecas comunitárias.

Imagem 6: Quadro comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias.

CARACTERÍSTICAS	BIBLIOTECAS PÚBLICAS	BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
Fundamentação	Projeto técnico ³	Projeto político social ⁴
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgão públicos e privados.
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima - Flexível
Equipe Interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local.	Membros da comunidade
Equipe interna - Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado, 2008.

Por fim, a autora define bibliotecas comunitárias como um projeto social, estabelecido como uma entidade autônoma, sem vínculos com instituições governamentais, que com o apoio de instâncias públicas e privadas locais, são liderados e organizados por pessoas que tem um objetivo comum que é ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro. Atingindo sua emancipação social.

Entendo que nesse sentido a biblioteca comunitária tem um papel de intermediadora para uma autonomia individual (de cada leitor) e com isso se torna ferramenta para e feita por toda uma comunidade que pode enxergar possibilidades de acesso a informação que sem aquele espaço talvez não tivessem ou que fosse mais demorado de atingir.

4. 2. Práticas de leitura e mediação nas bibliotecas comunitárias

Em 2019, participei do curso Bibliotecas Comunitárias e Espaços de Leitura, apresentado pelo Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais - Cirandar. Lá me foram apresentadas as bibliotecas comunitárias Chocolatão e a do Arquipélago e explicados de que forma a leitura era mediada nesses espaços.

Até então, não tinha conhecimento das possibilidades criadas pela existência de espaços voltados e feitos pela própria comunidade que, tendo um público em sua maioria infantil, passa a atuar ativamente na construção de uma jornada leitora para seu público-alvo. Neste mesmo período, tomei conhecimento da ideia do que viria a se tornar a Biblioteca Comunitária Ághata Félix, e por este motivo quis abordá-las neste trabalho, embora existam outras bibliotecas comunitárias na cidade de Porto Alegre-RS.

Embora não tenha eu mesma sido mediadora de leituras, com este curso tive a oportunidade de estar do lado de quem é mediado, participando das atividades propostas para imersão no livro lido, o que contribuiu para meu envolvimento na própria leitura realizada. Acredito também que por isso, as práticas de mediação realizadas com o público infantil também possam ser aplicadas com o público adulto, tendo em vista suas experiências de vida e contextos, da mesma forma que ocorre quando os leitores em formação são crianças.

As duas bibliotecas citadas anteriormente e que serão apresentadas neste capítulo são geridas pelo Cirandar e atuam como meio entre o novo leitor e o livro. Cirandar é uma Organização da Sociedade Civil, que não tem fins lucrativos e que procura alternativas para a educação, a transformação e a inclusão dos sujeitos culturais, comunicativos e criativos. Foi criado em 2008 e desde então busca através da educação popular incentivar e criar redes de ações comunitárias e práticas sustentáveis. Conforme apresentado por Renata Toigo (2019) em sua dissertação de mestrado onde analisa as bibliotecas geridas pelo projeto:

Desde sua fundação, o Cirandar acredita que o papel das bibliotecas comunitárias é formar leitores e, ao longo de dez anos, estabeleceu parcerias que fomentam ações em conjunto que visam o empoderamento social por meio da democratização do acesso à educação, arte e cultura. A instituição atua em três diferentes linhas de ação: democratização do acesso ao livro e à leitura; mobilização de redes, empoderamento comunitário; e educação popular. (TOIGO, 2019, p. 11)

Nessas bibliotecas trabalham mediadores comprometidos em promover a relação dos leitores com o texto. Mediadores que ajudam os leitores a compreender a literatura contada nestes espaços, transformando de certa forma a própria história dos leitores. Isso porque “não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior.” (PETIT, 2009, p. 115 apud TOIGO, 2009, p. 45).

São os mediadores que guiam os leitores entre o real e o imaginário, portanto é essencial que o mediador seja alguém tão apaixonado pela literatura a ponto de conseguir transmitir essa fascinação aos seus leitores, ao mesmo tempo em que precisa ter certo entendimento quanto a obra lida e ideias que deseja propor ao leitor sem nunca deixar de ouvi-lo. Não há espaço para imposição de ideias ou influenciar o leitor a pensar como quem apresenta a obra para ele, mas sim dar ferramentas para que o leitor em formação compreenda a obra, se encante por ela e assim possa ele mesmo refletir sobre o texto.

É necessário que nessa relação os participantes sejam ouvidos e suas ideias sejam levadas em conta durante a mediação de leitura. As bibliotecas comunitárias que serão apresentadas posteriormente tomam esse princípio como base, conduzindo os leitores sem que eles deixem de ser os agentes das reflexões. A biblioteca sendo feita pela e para a comunidade precisa ter como foco seus leitores e suas necessidades e interesses contribuindo para seu crescimento pessoal e social.

Ressalto que, como abordado no capítulo anterior, a formação de leitores depende muito de que exemplos sejam vistos. Dessa forma, é essencial que figuras leitoras sejam apresentadas em casa e na escola, e isso ocorre também nas bibliotecas que precisam ter em seus mediadores gente que goste e se interesse pelos livros para assim transmitir esse afeto aos novos leitores. Pois “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pelas obras literárias, é necessário que se tenha experienciado esse amor.” (PETIT, 2008, p. 161 apud TOIGO, 2019, p. 65).

Mediadores de leitura são aliados essenciais na formação de leitores e precisam sempre levar em consideração a pluralidade de opiniões que cada leitor pode ter com uma leitura. São quem conecta o leitor ao texto, assim,

Compreendemos como mediador de leitura o sujeito que estimula os leitores, mobiliza os conhecimentos prévios, prepara o cenário para a presença do texto

literário e para o percurso da leitura, assim como, auxilia na decifração e interpretação. Dessa maneira, o mediador torna-se um propagador do conhecimento, e deve ter consciência de que a formação de leitores se dá pela prática e multiplicidade de textos e experiências. (TOIGO, 2019, p. 65)

A mediação ocorre através do texto literário pois é preciso que o prazer em ler seja despertado e que passe a fazer parte da vida, formando o leitor a partir disso. Segundo Toigo (2019), para que uma postura leitora se estabeleça “é preciso despertar o prazer para a leitura da palavra literária, para, depois, conectá-la com outras linguagens. Eis, portanto, a razão de não utilizar outro recurso na mediação, que não seja a leitura do texto” (TOIGO, 2019, p. 104).

Acredito que outro aspecto importante é que o mediador apresente ao leitor as obras permitindo a leitura do texto em si, porém tendo em vista as características de seu público, até porque os livros lidos durante a mediação precisam também valorizar os interesses de seus leitores para que possam se sentir confiantes e possam aprender a não ter medo de se expressar a partir dos diferentes universos que a literatura pode possibilitar.

Toigo ao analisar os registros de mediação das bibliotecas comunitárias geridas pelo Cirandar ressalta que a concepção do livro ser o protagonista, e que as atividades propostas precisam envolver texto, contexto e intertexto, e apresenta três princípios que são levados em conta na prática de mediação: sensibilização, mediação e ação cultural.

Segundo a autora, tendo em vista um público majoritariamente infantil nesses espaços, a sensibilização é o momento onde o educador/mediador capta a atenção do grupo leitor e propõe atividades como: cantigas, utilização de instrumentos musicais, poemas, parlendas, charadas, falas sobre autor, capa do livro ou tema da história a ser mediada apresentando o contexto do livro apresentado. O próximo momento é a mediação onde o texto é lido de fato. Por fim, a ação cultural é onde ocorrem atividades que relacionem o texto mediado com o contexto social dos leitores.

De modo geral a função do mediador de leitura é realizada por muitos:

pais, professores, contadores de histórias, escritores, ilustradores, bibliotecários, editores, entre outros. Compreendemos como mediador de leitura o sujeito que estimula os leitores, mobiliza os conhecimentos prévios, prepara o cenário para a presença do texto literário e para o percurso da leitura, assim como, auxilia na decifração e interpretação. Dessa maneira, o mediador torna-se um propagador do conhecimento, e deve ter consciência de que a formação de leitores se dá pela prática e multiplicidade de textos e experiências. (TOIGO, 2019, p. 65)

Assim, os mediadores de leitura atuam como uma espécie de ponte entre o novo leitor e o livro, propondo atividades que fortalecem o interesse do novo leitor pela literatura até que se torne parte da vida quase que de forma intrínseca à identidade do indivíduo. Propõe a possibilidade de reflexão sobre as obras olhando para o contexto de quem lê, instigando também que forme e apresente seu ponto de vista diante do que é lido e observado.

4. 2. 1. Biblioteca Comunitária Chocolatão

A Biblioteca Comunitária Chocolatão surgiu de uma iniciativa da comunidade em 2011 quando ainda os moradores viviam em uma ocupação na parte central de Porto Alegre/RS, em condições precárias e sem diversos acessos à direitos básicos de infraestrutura e cultura. Neste contexto, a partir de iniciativa da Associação de Moradores em parceria com o Cirandar, o IBGE e Primeira Infância Melhor (PIM), surgiu a primeira versão da biblioteca que era em uma casa de madeira oferecida pelo DMAE.

Ao longo do ano de 2011, a comunidade foi transferida para o Morro Santana, ainda em Porto Alegre, porém com diversos conflitos, visto que não havia uma usina de triagem que comportasse todos os moradores que em sua maioria trabalhavam com reciclagem, que é a fonte de renda básica dessas pessoas. Além disso, os moradores foram retirados da região que viveram por 20 anos onde não havia condições de saneamento básico, para uma região periférica em casas com água potável, energia elétrica e saneamento básico. Segundo Toigo (2019), este período de adaptação gerou muitos conflitos porque a maioria não concordou em sair da região central para um bairro distante e periférico.

Quanto a biblioteca, também foi transferida no reassentamento e passou a ser localizada em um novo espaço cedido pela comunidade. Conforme Toigo (2019),

A biblioteca montada em uma das casas tornou-se um espaço de acolhimento e hospitalidade, bem como de escuta. Muitos passaram a frequentar a biblioteca, retirar livros, ouvir as histórias e participar de outras atividades culturais e, aos poucos, começaram a se apropriar do território, se sentir pertencentes a ele. Esse deslocamento forçado pôde ser amenizado pela biblioteca, principalmente para as crianças, que encontraram nos livros e no olhar atento dos Educadores Sociais um porto seguro. (TOIGO, 2019, p. 78)

Em 2019, a biblioteca já contava com dois educadores sociais (mediadores) que fazem leituras com crianças, jovens e adultos da comunidade. Além das práticas de

mediação de leitura, o espaço se tornou também um centro cultural que traz diversas atividades que envolvem música, cinema, rodas de conversa, oficinas de teatro e de reciclagem, dentre outras, e encontro com escritores.

Quanto ao acervo, estima-se 2500 exemplares, composto essencialmente por literatura infantil, juvenil e adulta, além um acervo de gibis, revistas, livros de política, educação, culinária, meio ambiente e autoajuda.

Imagem 7: Biblioteca Comunitária Chocolatão.



Fonte: TOIGO, 2019.

Imagem 8: Biblioteca Comunitária Chocolatão.



Fonte: CORTESE, 2018 apud TOIGO, 2019.

4 . 2. 2. Biblioteca Comunitária do Arquipélago

A Biblioteca Comunitária do Arquipélago foi inaugurada em 2014, e é considerada a primeira Casa da Leitura de Porto Alegre. Investimento do Plano Municipal do Livro e Leitura do município e implementada com apoio do Cirandar e com ajuda financeira da Prefeitura Municipal, pelo PMLL e do Instituto C&A, através do Programa Prazer em Ler. A localização da biblioteca foi cedida pela comunidade e fica junto à Associação de Mulheres da Ilha Grande dos Marinheiros. A comunidade está localizada às margens do Lago Guaíba, perto das pontes que ligam Porto Alegre à cidade de Guaíba.

A comunidade sofre com a precariedade de serviços de infraestrutura e de saneamento básico, além de ser afetada por constantes inundações por causa das cheias do lago, o que gera uma vulnerabilidade maior nas famílias que lá residem. É neste contexto que a biblioteca e suas experiências de leitura e demais ações culturais, junto com os mediadores oferecem um ambiente “de intersubjetividade, de transformação, de acolhimento” (TOIGO, 2019, p. 82).

Imagem 9: Biblioteca Comunitária do Arquipélago.



Fonte: CORTESE, 2018, apud TOIGO, 2019.

A biblioteca conta com dois educadores sociais que mediam as leituras e demais atividades culturais. O acervo da biblioteca é estimado em 1500 exemplares e, assim como na Biblioteca Chocolatão, é composto por uma variedade de gêneros e temáticas que pretendem valorizar a cultura popular local e o empoderamento da comunidade, consolidando o espaço como um centro cultural e de referência. Outro ponto a ser destacado é que as atividades também são realizadas em parceria com a Escola de Educação Infantil Tia Jussara, Escola Estadual Alvarenga Peixoto e o Posto de Saúde, contribuindo ainda mais na aproximação do público leitor da comunidade com a biblioteca.

Vale ressaltar também que tanto a biblioteca Chocolatão como a do Arquipélago são acompanhadas por uma bibliotecária, responsável pelo acervo e catalogação, além de contar com uma coordenação pedagógica, que acompanha e planeja, juntamente com os mediadores e demais integrantes do Cirandar, as ações culturais e articulações comunitárias.

4. 2. 3. Biblioteca Comunitária Ágatha Félix

Situada no Condomínio Princesa Isabel, no bairro Santana em Porto Alegre/RS, a Biblioteca Comunitária Ágatha Félix surgiu em 2019 a partir da iniciativa de Vitória Santanna, pedagoga, moradora e líder comunitária do condomínio. Segundo a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), similar ao caso da comunidade Chocolatão,

O Condomínio Princesa Isabel é um conjunto habitacional inaugurado no início dos anos 2000 que abriga 234 famílias de baixa renda oriundas da antiga Vila Cabo Rocha. A construção do condomínio é uma iniciativa do DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação da cidade de Porto Alegre), resultado da organização e resistência dos moradores – que lutaram desde os anos 90 para regularizar suas moradias – em combate à conhecida política de higienização social que removeu outras comunidades pobres e negras antes situadas em bairros centrais e realocou-as nas periferias. (RNBC)

Quanto a escolha do nome da biblioteca vem de uma forma homenagear e manter viva a memória de Ágatha Félix que com apenas 8 anos teve sua vida ceifada pela polícia militar do Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 2019. Segundo a idealizadora da biblioteca na primeira postagem do perfil da biblioteca no Instagram,

“Escolher o nome da Ágatha também é uma forma de pedir justiça. Para além de homenageá-la, queremos trazer a reflexão de "que país queremos viver?" [...] Ágatha era uma criança moradora do complexo do Alemão que viveu assim como as crianças da nossa comunidade que desde muito pequenas resistem, têm sonhos e desejos que são impedidos de se realizar pela desigualdade e pelo preconceito. Portanto, a nossa biblioteca será um espaço de resistência, educação e valorização da cultura popular através da literatura para crianças, jovens e adultos. (2020)

Com o apoio da comunidade que coloca literalmente a mão na massa nas reformas do espaço situado no térreo do conjunto habitacional e com a ajuda de campanhas de arrecadação a biblioteca acontece. Atua também como um espaço de luta contra o estigma negativo que a comunidade sofre, por ser também uma das poucas que conseguiu ser realocada e permanecer nas regiões centrais de Porto Alegre/RS, mas que infelizmente também passou a ter destaque nos veículos de comunicação sendo descrito como a “fortaleza para o tráfico em Porto Alegre” (Brasil de Fato, 2021).

Imagem 10: Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.



Fonte: Instagram da Biblioteca, 2021.

Imagem 11: Biblioteca Comunitária Ágatha Félix.



Fonte: REINHOLZ, 2021.

Diante disso tudo, a biblioteca atua na comunidade para além da democratização do livro e da leitura com o objetivo de prestar apoio às necessidades da comunidade. Conta com um acervo de 1500 obras literárias e quanto ao público alvo da biblioteca, é composto por crianças moradoras locais, que encontram neste espaço referências positivas através de um trabalho de resgate da história e da autoestima coletiva. “Promover o acesso a novos horizontes através da leitura é dar novas possibilidades de existência aos mais jovens, contando o outro lado da história retratada pela mídia, além de estimular outras iniciativas de transformação social ao formar novos líderes comunitários” (RNBC).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei refletir sobre o meu próprio processo de formação como leitora, pensando em todas as diferentes influências e estímulos que me acompanharam nessa jornada ao mesmo tempo que ressaltei que em geral a ação de mediadores e incentivos é essencial para que o interesse e amor pela leitura surjam. É importante entender a literatura como um direito humano para que o acesso a ela seja cada vez menos escasso.

Também busquei relatar através de dados de pesquisas do IPL com leitores e não leitores brasileiros de que forma este cenário pode ser mudado além de apontar os motivos pelos quais se torna tão difícil mudar o hábito de não se ler por lazer.

Ao tratar da atuação de bibliotecas comunitárias e de seus mediadores espero ter apresentado um pouco o quanto são iniciativas importantes e essenciais que fazem toda a diferença em regiões periféricas e muitas vezes marginalizadas. Este trabalho se trata de uma declaração de amor à literatura e também de um desejo de que mais pessoas tenham a oportunidade de ser resgatadas pela palavra escrita.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade; Orgulho e Preconceito; Persuasão**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BADKE, Todeska. **Meninos de laranjeiras: aprendendo a viver com livros**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 17(3/4):43-60,1984.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: O direito à literatura e outros ensaios. BAPTISTA, Abel Barros (Org.). São Paulo: Angelus Novus, 2004.
- DIAS, Pedro Neves; REINHOLZ, Fabiana. **Apelidado de Carandiru, Condomínio Princesa Isabel luta contra a violência e a exclusão no RS**. Brasil De Fato. Porto Alegre, 17 set de 2021. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/17/apelidado-de-carandiru-condominio-princesa-isabel-luta-contr-a-violencia-e-a-exclusao-no-rs>> Acesso em 01 out. 2022.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 4ª Edição**. 2015. Disponível em https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em 01 out. 2022.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 5ª Edição**. 2020. Disponível em https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-IPL_dez2020-compactado.pdf> Acesso em 01 out. 2022.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.
- MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. (Tese). São Paulo: USP, 2008. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>> Acesso em 01 out. 2022.
- MARTIN, George R. R. **A Guerra dos Tronos**. Trad. Jorge Candeias. Rio de Janeiro: Suma, 2019.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Biblioteca comunitária Ágatha Félix**. Disponível em <<https://rnbc.org.br/biblioteca/agatha-felix/>> Acesso em 01 out. 2022.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. São Paulo: Edições Leitura Crítica, 2010.

TENÓRIO, Jeferson. **A Literatura Salva?**. GZH. Porto Alegre, 07 jun. 2022. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CeiszNxuW3R/>> Acesso em 01 de out. 2022

TOIGO, Renata. **Desafios da formação leitora em bibliotecas comunitárias: arquivo, registro e memória de leitura da literatura infantil**. (Dissertação). Porto Alegre: PUCRS, 2019. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8460/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Renata%20Toigo.pdf>> Acesso em 01 out. 2022.